

Análise computacional de alguns aspectos linguístico-filológicos da obra *Infermidades da Língua e arte que a ensina a emudecer para melhorar* de Manuel José de Paiva

Mário Martins Pereira

Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro

Breve nota sobre o autor

Manuel José de Paiva nasceu em Lisboa, a 9 de Dezembro de 1706, fez estudos de humanidades e cursou jurisprudência na Universidade de Coimbra, onde obteve o grau de Bacharel em Direito Civil. Durante alguns anos seguiu a carreira da magistratura, desempenhou funções de juiz de fora em Odemira¹ e Avis² e, por motivos que talvez nunca possam vir a conhecer-se, viria a renunciar aos cargos referidos. Sabe-se que posteriormente se instalou em Lisboa e aí exerceu advocacia durante alguns anos até que, segundo Inocêncio, *desgostoso do bullicio da côrte, ou cansado das lides forenses, se retirara para uma quinta que possuía, onde parece haver composto a maior parte das obras que nos deixou*, e que foram publicadas entre 1748 e 1786.

Na sequência de pesquisa recentemente efectuada na Torre do Tombo e face a registos aí encontrados posso agora acrescentar que em 3 de Outubro de 1764 lhe foi feita régia mercê do lugar de Corregedor da comarca da cidade de Elvas por tempo de 3 anos e que no mesmo documento se encontra uma anotação referindo um Alvará de 4 de Outubro de 1781, no qual D. Maria I lhe concede faculdades para poder denunciar a propriedade do ofício de Sacador da Alfândega de Lisboa, herdado de seu pai e que lhe havia sido concedido em 6 de Março de 1747. Donde se poderá concluir que Paiva ainda regressou ao serviço do reino em 1764 e se pode também presumir que em 1781 ainda estaria vivo, independentemente do local onde nessa data se encontrasse residente.

A intervenção linguística: o *Antídoto Grâmatcal* e as *Infermidades da Língua*

A reflexão sobre a metodologia pedagógica e a problemática linguística ocupam um importante espaço na obra de Manuel José de Paiva, com especial destaque nas duas obras acima referidas.

¹ Nomeação régia efectuada em 13 de Junho de 1732, por tempo de 3 anos.

² Nomeação régia efectuada em 22 de Abril de 1739, igualmente por tempo de 3 anos.

Com as respectivas edições separadas por um intervalo de nove anos e em que do autor pouco mais se publicou, pode todavia deduzir-se que apesar do seu silêncio editorial a reflexão sobre a língua o terá ocupado sempre, o que é evidente desde a publicação de *Governo do Mundo em Seco* em 1748 e se acentua com o *Antídoto Grammatical* que, independentemente de ter sido ou não a segunda a ser escrita foi a que saiu do prelo em segundo lugar, no ano de 1750. Trata-se de uma obra onde o autor se assume como *Mestre de Ler, Escrever, Arithmetica e Grammatica* e em que deixa expressa a pretensão de que ela possa ser um *Balsamo Preservativo da corrupção da lingua Latina* ou simplesmente o *Curioso Descobrimento dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do novo Methodo para aprender a dita Lingua, offerecido a seu mesmo Author*, o qual era o P.^o Manuel Monteiro da Congregação do Oratório, numa altura em que os padres oratorianos começavam a disputar aos jesuítas a hegemonia do ensino.

Como era normal e teria acontecido com todos os juristas e outros letrados seus contemporâneos, Paiva tinha feito os estudos de Latim pela *Arte* do P.^o Manoel Alvares, que tinha sido um dos mais conceituados cânones na matéria não só em Portugal mas em grande parte da Europa ao longo de mais de duzentos anos.

Quem pretendesse destroná-lo desse pedestal de dois séculos com argumentos científicos, teria necessariamente de fazer um pouco melhor do que o P.^o Manuel Monteiro ao lançar na liça um *novo* método cívico de erros, como Paiva demonstrou ao longo de 117 páginas de correcção em que revela a sua excepcional competência no domínio do Latim, corroborada por todas as referências que os seus contemporâneos lhe fizeram e em que quase sempre se lhe referiam como o *mestre de Carnexide*.

As Infermidades da Lingua, e Arte que a ensina a emudecer para melhorar

É sob a égide protectora de Santo António que Manuel José de Paiva se atreve a falar da língua e do seu uso, com o manifesto propósito de lhe detectar os defeitos e de propor os curativos adequados. Para atingir semelhante objectivo, recorre a uma estruturação alegórica em que a língua se apresenta no papel de vitimada por diversos *achques*, cujo diagnóstico será feito por um experiente médico, paciente e sábio, ao longo de oito visitas em que serão detectadas várias enfermidades com gravidade suficiente para justificarem a atenção e os cuidados deste meticuloso João Semana linguístico.

Trata-se de uma obra em que se conjugam simultaneamente a arte literária de Paiva, nitidamente marcada por uma estética em convulsões de transição e um saber erudito sedimentado nos vários ramos do conhecimento do seu tempo, que se vai sempre escorando em convicções religiosas e morais profundas, num discurso em que as causas avocadas assentam no pecado e os fins confluem sistematicamente na Providência divina.

Dela diz Telmo Verdelho que se oferece à leitura “como um texto literário, elaborado com grande investimento de arte, de recursos linguísticos e de presunção literária”, e que é “uma obra caracterizadamente barroca em que se intertextualiza a abundância retórica da oratória sacra, com especial destaque para a memória do P.^o António Vieira”¹. E nesta

¹ In *Século XVIII: Século das Luzes - Século de Pombal* - Comunicação apresentada no colóquio realizado no Instituto Ibero-Americano, em Berlim, em Junho de 1999, intitulada *Manuel José de Paiva e as Infermidades da Lingua*.

frase se sintetiza, de forma bastante abrangente, o conteúdo genérico das *Infermidades da Língua*, em que Paiva nos dá provas constantes de sempre se ter mantido fiel a algumas particularidades do formalismo barroco, mesmo quando se afasta substancialmente dele, sobretudo no plano dos conteúdos, caracterizados por uma permanente e profunda reflexão filosófica e pela exegese moralista, sob o verniz (por vezes corrosivo) de um fino humor e uma subtil ironia.

Normatividade linguística, moralismo e vernaculidade

Parece óbvio o predomínio de preocupações moralísticas em toda a teorização de Paiva, uma vez que todos os *achuques* linguísticos a que se refere são situáveis no âmbito do uso *pecaminoso*, social e moralmente incorrecto, da língua. Parece até que a sua obra vem culminar um longo ciclo de estudos dedicados aos pecados da língua, quer esta seja considerada como elemento físico participante do sentido do gosto e com ligações ao pecado da gula, quer seja no plano estrito de instrumento da fala através da qual se reflectem todos os sentimentos e se faz a revelação da alma, posta a nu pela loquacidade e incontinência linguística dos seus utentes, que através dela pecam constantemente.

Essa tradição dos estudos ensaísticos e filosóficos sobre a dualidade da língua e as características particulares de cada uma das suas vertentes lança raízes na Antiguidade Clássica com o *De Anima* de Aristóteles e continua com o escolástico e apócrifo *De Lingua* que lhe desenvolve alguns conceitos e alarga as perspectivas, já sob o prisma quase exclusivo da moralidade. Sobretudo a Idade Média foi abundante em dissertações sobre o pecado em geral e os pecados da língua, em particular, do que dá conta um estudo⁴ recente e exaustivo sobre este assunto, levado a cabo por Carla Casagrande e Silvana Vecchio.

Também em Portugal houve representantes de mérito nos estudos sobre esta temática, entre os quais se pode considerar uma parte da mais famosa obra de D. Duarte, o *Leal Conselheiro*, cujo capítulo septuagésimo é expressamente dedicado aos pecados da boca (e, por consequência, da língua) e onde são enumeradas trinta e sete transgressões do exercício da palavra, moralmente censuráveis.

Todavia, não é apenas do ponto de vista da moral que as transgressões linguísticas são observadas e, para além de vários textos da Casa de Avis em vernáculo, é também o próprio D. Duarte que incita à defesa do património escritural português “da maneira pera bem tornar alguma leitura em nossa lynguagem”⁵, na parte final do *Leal Conselheiro*.

Todo o século XVI é fértil em produções linguístico-literárias que apontam no sentido da demarcação total e definitiva da língua portuguesa, sobretudo em relação à excessiva influência do castelhano e à permanência do bilinguismo, especialmente na corte mas que também se manifestava nas obras literárias, como acontece no caso de *Diana* (1559?)

⁴ Casagrande, Carla e Silvana Vecchio (1991) *Les Péchés De La Langue, Discipline et éthique de la parole dans la culture médiévale*, trad. do italiano por Philippe Baillet e com prefácio de Jacques Le Goff. Paris, Les Éditions du Cerf.

⁵ Cf. Verdelho, Telmo (1995) *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Lisboa, INIC.

de Jorge de Montemor, Camões, Ferreira, André de Resende, João de Barros, Fernão de Oliveira e Manuel Álvares, são apenas exemplos de alguns dos mais ilustres que, entre muitos outros, deram à língua portuguesa um importante contributo de autonomização, ainda quando o impulso vivificante tinha o Latim como suporte e dele se socorria para a frequente construção de neologismos que na etimologia latina lançavam as suas raízes.

Essa linha vernaculista manteve-se ao longo dos séculos XVII e XVIII e nela se pode integrar Manuel José de Paiva, muito especialmente pelo trabalho e dedicação que pôs na colecção de palavras e frases de uso *vulgar* que, em sua opinião, deveriam ser pura e simplesmente banidas do uso da língua.

Tal colecção, nomeadamente pela extensão da recolha, constitui um dos mais interessantes aspectos da sua obra e encontra-se organizada em listagens ordenadas alfabeticamente (!) e separadas em grupos de *palavras e frases*, na sétima visita das *Infermidades da Língua*.

As listagens da sétima visita

A degenerescência da língua, em consequência das *inumeráveis palavras* introduzidas pela ignorância na linguagem é a preocupação dominante do autor na elaboração destas listagens de frases e palavras *a evitar* e de cuja metodologia de recolha nos esclarece de uma forma que, na aparência, a pode configurar displicente: *escreverei as que agora me lembram*.

Todavia, não terá sido apenas ao correr das suas lembranças que foram elaboradas tão longas listas, nas quais se registam 1.870 palavras e 2.081 frases, totalizando 3.951 unidades distintas.

A distribuição e ordenação que as listagens nos apresentam não primam pelo rigor, como aliás era frequente acontecer em edições daquele tempo. Apenas como exemplo, podem citar-se as inúmeras falhas sequenciais na ordenação alfabética de duas das mais importantes obras da lexicografia da época: o *Thesouro* de Bento Pereira e o *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau. Quanto a alguma aparente displicência na integração de mais de três centenas de frases nas listagens designadas como sendo de *palavras*, não sei que explicação se poderá encontrar. O certo é que nas listagens inscritas na edição *princeps* se encontram 333 frases integradas no conjunto subordinado ao título de palavras.

A reorganização ordenada das listagens levou a que o número de palavras passasse de 2.203 (55,76%) para 1.870 (47,33%) e o número de frases aumentasse de 1.748 (44,24%) para 2.081 (52,67%), tal como pode verificar-se no quadro seguinte:

Quadro 1 - Síntese das Listagens incluídas na Sétima Visita

Especificação	Palavras	Frases	Total
Listagens Originais (<i>Palavras e Frases, na obra</i>)	2.203	1.748	3.951
<i>Percentagem relativa ao total</i>	55,76%	44,24%	
Frases incluídas na Listagem Geral (<i>dita de palavras</i>)	333		
		8,43%	
Listagens corrigidas (<i>Palavras e Frases</i>)	1.870	2.081	
<i>Percentagem relativa ao total</i>	47,33%	52,67%	

Na comparação entre a globalidade da obra e as listagens da sétima visita destaca-se, como era de esperar, um progressivo aumento percentual relativo no que respeita aos vocábulos diferentes utilizados e, com maior ênfase, nos que são usados apenas uma vez (hapax), que atingem 20,56% nas listagens em comparação com os 11,42% da totalidade da obra.

Nas relações percentuais que podem estabelecer-se entre a obra global e as listagens da sétima visita, é interessante verificar a progressão ascendente, nas listagens, de 22,93%, 36,91% e 41,25%, respectivamente para o total de ocorrências, de vocábulos diferentes e de hapax.

Quadro 2 - Ocorrências da Sétima Visita, comparadas com a globalidade da obra

Especificação	Obra total	Sétima Visita	Relação %
Total de ocorrências	66.607	15.270	22,93%
Vocábulos diferentes	11.464	4.231	36,91%
Vocábulos com uma ocorrência única (hapax)	7.609	3.139	41,25%

Alguns aspectos linguístico-filológicos

Com o simples objectivo de fazer um enquadramento geral da obra, efectuou-se a sua comparação com algumas das obras mais marcantes da nossa literatura e cujos autores se situam no topo das respectivas épocas e correntes literárias: *Os Lusíadas*, *Viagens na Minha Terra* e *Os Maias*. A razão da escolha destas obras não inclui qualquer pretensão de estabelecer comparações qualitativas entre os autores ou as obras e deve-se apenas ao facto de ter parecido importante confrontar os dados da obra em análise com os de outras de autores de referência, além de estas terem já o seu texto digitalizado^b e portanto se encontrarem disponíveis para a criação de bases de dados utilizáveis numa análise computacional.

Os resultados de tal comparação encontram-se sintetizados no quadro seguinte e permitem verificar que as *Infermidades da Língua* são uma obra de grande riqueza lexical, pelo menos no plano da diversidade vocabular.

Atendendo à disparidade dos totais de ocorrências e até da natureza das obras, são as percentagens que fornecem elementos de análise mais precisos, o que pode verificar-se, por exemplo, com o tipo de relações que se estabelecem para cada um dos *items* tratados: as 100 ocorrências mais frequentes, a quantidade de vocábulos diferentes e a quantidade de vocábulos que são utilizados apenas uma vez.

^b Nesta análise foi utilizado o texto fixado no CD da BN, *Biblioteca Virtual de Autores Portugueses*, 1998 (texto das 1.^{as} edições das obras).

Quadro 3 – Algumas relações estatísticas com o total de ocorrências das 4 obras

Especificação	<i>Lusíadas</i>		<i>Infermidades</i>		<i>Viagens</i>		<i>Maias</i>	
	Freq.	% Rel.	Freq.	% Rel.	Freq.	% Rel.	Freq.	% Rel.
Total da obra	69 119	100%	66 607	100%	83 948	100%	274 897	100%
100 Ocorr. +frequentes	37 475	54,22%	39 115	58,73%	47 997	57,17%	159 592	58,06%
Vocábulos diferentes	9 124	13,20%	11 464	17,21%	11 168	13,30%	20 216	7,35%
Hapax (ocorr. 1 vez)	4 834	6,99%	7 609	11,42%	6 565	7,82%	9 798	3,56%

a) - As 100 ocorrências mais frequentes:

Para totais de ocorrências tão díspares (*Lusíadas* – 69.119, *Infermidades* – 66.607, *Viagens* – 83.948 e *Maias* – 274.897), é interessante verificar que as percentagens de ocorrências vocabulares mais frequentes não se afastam muito e todas se situam acima dos 50% e muito perto dos 60%, tornando as diferenças entre as *Infermidades*, *Viagens* e *Maias* praticamente insignificantes: 58,73%, 57,17% e 58,06%, respectivamente.

b) – Quantidade de vocábulo diferentes:

Se este fosse o único factor de avaliação da riqueza lexical de um texto, seríamos forçados a dizer que o de Paiva era, desse ponto de vista, o mais rico. Estatisticamente, é nas *Infermidades da Língua* que menos repetições vocabulares se verificam, com uma relação de 1 para 5,8 e 17,21% de vocábulo diferentes. N'Os *Lusíadas* temos 13,20%, nas *Viagens* 13,30% (ambos com uma relação de 1 para 7,5) e n'Os *Maias*, existe apenas uma diversidade vocabular de 7,35%, numa relação de 1 para 13,5.

c) – Vocábulo com uma ocorrência única (hapax):

Neste caso a situação é semelhante à que se refere na alínea anterior, em termos proporcionais, embora traduza ainda maior vantagem para as *Infermidades da Língua*. Uma vantagem que não pode ser considerada fora do plano estritamente estatístico e técnico pois não podemos deduzir destes dados qualquer valorização literária, já que o seu valor no plano qualitativo tem de ser reduzido à dimensão adequada no conjunto de parâmetros que constituem as principais características da literariedade, embora também não possam ser desvalorizados.

Na análise de pormenor das 20 ocorrências mais frequentes sobressai o predomínio dos sinais de pontuação e evidenciam-se mais algumas particularidades:

Quadro 4 – Análise de pormenor das 20 ocorrências mais frequentes

Ordem	<i>Lusíadas</i>			<i>Infermidades</i>			<i>Viagens</i>			<i>Maias</i>		
	Oc.	Freq.	% Rel.	Oc.	Freq.	% Rel.	Oc.	Freq.	% Rel.	Oc.	Freq.	% Rel.
1	,	6 884	18,37%	,	8 505	21,74%	,	5 738	11,95%	,	25 070	15,71%
2	.	2 714	7,24%	.	805	2,06%	.	2 877	5,99%	.	9 095	5,70%
3	;	793	2,12%	;	759	1,94%	-	2 668	5,56%	-	7 876	4,94%
4	"	648	1,73%	-	647	1,65%	...	1 017	2,12%	...	3 603	2,26%
5	-	489	1,30%	:	313	0,80%	!	625	1,30%	!	3 044	1,91%
6	:	341	0,91%	[211	0,54%	»	601	1,25%	:	1 665	1,04%
7	?	108	0,29%]	211	0,54%	:	514	1,07%	?	1 338	0,84%
8	que	2 739	7,31%	?	187	0,48%	;	505	1,05%	;	1 184	0,74%
9	e	2 194	5,85%	que	3 045	7,78%	?	463	0,96%	"	919	0,58%
10	o	1 936	5,17%	a	2 025	5,18%	e	2 876	5,99%	o	8 091	5,07%
11	a	1 799	4,80%	o	1 654	4,23%	que	2 642	5,50%	de	7 776	4,87%
12	de	1 431	3,82%	se	1 652	4,22%	de	2 538	5,29%	a	7 522	4,71%
13	se	981	2,62%	de	1 467	3,75%	a	2 352	4,90%	e	6 231	3,90%
14	os	744	1,99%	e	1 419	3,63%	o	2 007	4,18%	que	5 279	3,31%
15	do	611	1,63%	os	848	2,17%	não	1 152	2,40%	um	3 930	2,46%
16	não	583	1,56%	com	826	2,11%	se	1 021	2,13%	se	3 128	1,96%
17	com	572	1,53%	não	683	1,75%	do	868	1,81%	uma	2 888	1,81%
18	por	537	1,43%	em	679	1,74%	da	792	1,65%	com	2 871	1,80%
19	em	517	1,38%	he	585	1,50%	é	665	1,39%	do	2 584	1,62%
20	as	504	1,34%	lhe	517	1,32%	os	646	1,35%	da	2 195	1,38%

- a) – A vírgula e o ponto são predominantes em todos os textos mas, enquanto o ponto final é pouco utilizado por Paiva (apenas 2,06% em comparação com os mais de 5% nos restantes), já com a vírgula acontece o contrário: os 21,74% de utilizações sobressaem largamente, o que se explica pelo elevado número de coordenações assindéticas e que se reflectirá no uso de conjunção copulativa “e”, em que apenas detém 3,63% contra os quase 6% de *Os Lusíadas* e das *Viagens* mas que, curiosamente, se aproxima bastante dos 3,9% em *Os Maias*.
- b) – As reticências e os pontos de exclamação não se registam antes de Garrett, razão pela qual não se encontram na obra de Paiva, apesar de existirem aí várias expressões suspensivas e exclamativas;
- c) – O ponto e vírgula e os dois pontos são usados nas *Infermidades* de uma forma quase arbitrária, pelo que perde significado a sua utilização específica;
- d) – Como nota de simples esclarecimento, refira-se que os parênteses rectos (linhas 6/7) não existem na edição *princeps*, tendo sido utilizados apenas na digitalização da obra para possibilitar a delimitação dos números das páginas originais, sendo essa a única razão da sua existência na base de dados de análise.

No que respeita aos vocábulos mais numerosos regista-se um elevado predomínio do “*que*”, com um posicionamento sempre maioritário até ao aparecimento das *Viagens na Minha Terra*, que marcam um ponto de viragem nesse predomínio. Com a obra de Garrett (e a partir dela), o primeiro lugar passa a ser geralmente ocupado pela copulativa “*e*”, embora tal nem sempre aconteça, como pode verificar-se n’*Os Maias* em que “*olá*” e “*de*” se lhe antecipam.

É igualmente interessante comparar os nomes, próprios e comuns, utilizados nas 100 ocorrências mais frequentes. E, de facto, independentemente das diferenças entre as obras, no plano literário, estilístico e temático, não é certamente irrelevante a proximidade semântica que se pode constatar entre os substantivos maioritariamente usados e que no quadro seguinte se evidencia claramente.

Quadro 5 - Nomes próprios e comuns incluídos nas 100 ocorrências mais frequentes

Ordem	<i>Lusiadas</i>			<i>Infermidades</i>			<i>Viagens</i>			<i>Maias</i>		
	Ocorr.	Freq.	% Rel.	Ocorr.	Freq.	% Rel.	Ocorr.	Freq.	% Rel.	Ocorr.	Freq.	% Rel.
	100 +	37 475		100 +	39 115		100 +	47 997		100 +	159 592	
11	gente	227	0,61%	mundo	136	0,35%	Carlos	168	0,35%	Carlos	1 795	1,12%
12	terra	210	0,56%	língua	131	0,33%	Deus	150	0,31%	Ega	1 125	0,70%
13	Rei	203	0,54%	Deos	130	0,33%	Joaninha	145	0,30%	Maria	440	0,28%
14	mar	178	0,47%	homens	116	0,30%	olhos	129	0,27%	Damaso	388	0,24%
15	mundo	101	0,27%	palavras	107	0,27%	homem	125	0,26%	olhos	335	0,21%
16	Reino	85	0,23%	homem	96	0,25%	frade	123	0,26%	casa	327	0,20%
17	Céu	83	0,22%	natureza	91	0,23%	coração	108	0,23%	Affonso	319	0,20%
18	tempo	76	0,20%	mal	69	0,18%	vida	100	0,21%	Villaça	308	0,19%
19	peito	76	0,20%	terra	67	0,17%	Santarém	99	0,21%	Maia	270	0,17%
20	nome	72	0,19%	tempo	54	0,14%	dia	97	0,20%	mão	269	0,17%
21	fama	66	0,18%				velha	95	0,20%			
22	amor	62	0,17%				Dinis	85	0,18%			
23							história	83	0,17%			
24							terra	80	0,17%			
>>>	Soma	1 439	3,84%	Soma	997	2,55%	Soma	1 587	3,31%	Soma	5 576	3,49%

Instabilidade ortográfica e gralhas tipográficas

Há uma evidente instabilidade ortográfica ao longo do texto, deixando a sensação de que a composição tipográfica se fazia com alguma displicência e que muitas variantes poderão ser apenas gralhas tipográficas.

A observação do quadro seguinte permite verificar que esta instabilidade se manifesta ao longo da obra em 250 situações de palavras que tanto se apresentam numa forma única como fraccionadas, além de mais 455 casos em que as palavras se apresentam com um mínimo de duas variantes, geralmente evidenciando a predominância de uma delas mas por vezes em situação muito equilibrada, como é o caso das palavras começadas por *crea*(24) e *cria*(23).

Quadro 6 – Algumas especificidades ortográficas de *Infermidades da Língua*

Palavras que ocorrem fraccionadas ou não	Quant.	Total	Exemplificação do contexto em que a palavra se encontra (um exemplo tipo, para cada caso)	Pág.
em quanto	30	30	nas partes lezas se suspendem as operaçoens. em quanto se curião	28
enquanto	0			
ha de	19	88	e contra hum exercito ha de peleijar, cara a cara	55
hade	69		porque não hade a liberdade enfurecese mais contra a ouzadia?	75
se não	29	43	tanto se profunda que quasi se não percebe o lugar da causa	155
senão	14		Para que hum cavallo senão desboque se lhe poem hum freyo	97
se não	57	87	Digão tambem que por isso se não despedação todos	156
senão	30		póros por onde passa outro corpo, com que elles senão ligão	180
sem saboria	2	2	depois de mastigar huma sem saboria , vem a conier palha	178
sensaboria	0			
Soma		250		

Palavras iniciadas por:	Quant.	Total	Exemplificação do contexto em que a palavra se encontra (um exemplo tipo, para cada caso)	Pág.
circum	11	22	para que se percebaõ as circumstancias em que se distinguem	208
circun	11		faremos a reflexão em todas as circumstancias da enfermidade	19
crea	24	47	... as creaturas procede de ser todo Poderoso o Criador ?	195
cria	23		segundo a natureza que lhe affectou seu Criador	207
dellig	12	37	por ultimo effeito desta diligencia	48
dilig	25		inquietar o juizo, na diligencia de perceber o caso	82
+derig	7	16	pelos póros em recta serie derigidos	179
dirig	9		as reflexoens scientificas que se dirigem a objecto tão elevado	199
deser	5	30	serve nas descripsoens de as fazer agradaveis	85
diser	25		repudiariaõ, de seus discursos taõ impropria discripção	90
destin	40	47	o rustico mais ignorante sabe destinguir estas cores	165
distin	7		para se examnarem, para se distinguirem , e para se reconhecerem	69
enferm	21	40	mais individual conhecimento da origem desta enfermidade	19
infern	19		que se lhe tolha a fala que foi occasião desta infernidade	28
entend	71	95	muitas monarchias cujos entendimentos authorizados	41
ntend	24		a capacidade dos juizos, e a inapudão dos intendimentos	68
envest	6	19	quem está envestigando a origem desta pobreza	59
invest	13		o que não investigarey na realidade por estes perigos	172
detti	1	35	explicando-se, ou deffinindo-se em as mais claras palavras	194
diffi	34		questionar a oportunidade destas difinicoens	194
perf	12	20	não forem explicados para seu perfeito conhecimento	207
pref	8		Porque se depende muito de hum juizo perfeito	67
rep	9	34	darey em reposta huma valente rizada	160
resp	25		para isso me preparo eu com huma resposta tão genuina	167
semilh	2	13	empregão muito escusadas palavras em semilhantes materias	11
similh	11		quando Deos fez a todos similhantes	26
Soma		455		

Algumas especificidades fonéticas e morfológicas

Na análise global podem constatar-se mais algumas especificidades desta obra, no âmbito da sua estruturação fonética e morfológica. Observando a distribuição total dos caracteres ortográficos de que a obra se compõe, verifica-se um relativo equilíbrio entre vogais (121.154 = 45,91%) e consoantes (132.100 = 50,06%), mesmo excluindo os sinais de pontuação e sem ter em conta os dígrafos⁷ e consoantes duplas entretanto caídas em desuso e que totalizam 4.870, o que permitiria considerar um equilíbrio ainda maior, por se traduzir numa redução significativa dos diferenciais absolutos. Se se deduzissem tais casos, por corresponderem a um único fonema, a relação passaria a ser de 48,77% de vogais para 51,22% de consoantes.

Quadro 7 - Distribuição da totalidade dos caracteres ortográficos

Total Geral de Vogais, Sinais de Pontuação, Hífen, Apóstrofo e Consoantes				263 870		
Vogais e Notações Léxicas			Sinais de Pontuação		Consoantes	
A		31 214			B	2 499
ã	199				C	8 815
á	705	2 891			Ç	1 071
ä	2				D	12 131
å	1 985				F	3 343
E		33 285	.	8 505	G	3 083
è	2		,	805	H	4 815
é	318	370	!	759	I	719
ê	45		;	313	K	
ë	5		?	187	L	7 502
I		13 599	!	43	M	11 267
ì			(2	N	12 094
í	32	36)	2	P	6 682
î	4		!		Q	4 823
O		25 967			R	16 306
ò	2				S	19 944
ó	420	1 720			T	10 567
ô	21				V	3 323
õ	1 277				X	587
U		12 046			Y	540
û					W	1
ü	23	26			Z	1 988
ú	3					
cedilha (ç)	1 071					
-	647					
'	2					
Soma	6 763	121 154		10 616		132 100
% Relativa ao total geral		45,91%		4,03%		50,06%

⁷ Os casos considerados são *ch, gg, lh, ll, nh, mm, nn, pp, rr, ss e tt* que representam, respectivamente, 0, 3, 1.348, 965, 706, 55, 62, 61, 681, 944 e 45, perfazendo um total de 4.870.

Considerando os determinantes e pronomes mais significativos (no total de 11.020) para a determinação global de formas de singular e plural, bem como de masculino e feminino, pode concluir-se que a obra é construída, no plano morfológico, com larga predominância de vocábulos no singular (71,95%) e um acentuado equilíbrio entre masculino (52,67%) e feminino (47,33%).

Quadro 8 – Síntese dos determinantes e suas formas contraídas (masc/fem e sing/plural)

Masc/Fem		Masculino		Feminino		Totais (sing/plural)	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Singular	Quant	3 880	48,93%	4 049	51,07%	7 929	71,95%
	Percent	66,85%		77,63%			
Plural	Quant	1 924	62,25%	1 167	37,75%	3 091	28,05%
	Percent	33,15%		22,37%			
Totais (Masc./Fem.)		5 804	52,67%	5 216	47,33%	11 020	100,00%

Outra fonte de informação importante para um estudo lexicográfico seria o *Índice Inverso* (que foi elaborado mas não é possível incluir aqui), através do qual se pode observar todo o sistema flexional e de cuja análise pode concluir-se que o texto de Paiva possui muitos elementos arcaizantes, em conformidade, aliás, com o carácter conservador que ele próprio revela em grande parte da sua obra. Como exemplo, pode-se referir a relativa abundância de sufixos antigos como *eza*, *ozola*, *osola*, *udo*, *adola*, entre outros, em contraste com a escassez de sufixos modernizantes como *ista*, *ismo*, *izar*, *ização* ou outros que então começavam a ser utilizados e que nunca aparecem na sua obra.

A concluir, independentemente de se constatarem alguns elementos de natureza conservadora e outros arcaizantes na obra de Manuel José de Paiva (como os que se referem no parágrafo anterior), podem nela reconhecer-se suficientes características inovadoras nos mais diversos planos, não só linguísticos como literários, inteiramente justificadores de uma atenção maior do que até agora lhe tem sido dispensada, porventura a própria reedição das suas obras mais significativas.

Referências

Obras de Manuel José de Paiva, ordenadas por data de edição:

- 1748 – *Governo do Mundo em Seco, Palavras Embrulhadas em Papeis, ou Escritorio da Razam, Exposto no progresso de hum Dialogo, em que são interlocutores hum Letrado, o seu Escrevente, e as mais pessoas que se propuzerem*. Lisboa, 1748.
- 1750 – *Antidoto Grāmatical – Balsamo Preservativo da corrupção Latina, ou Curioso Descobrimto dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do novo Methodo para aprender a dita Lingua*. Offerecido a seu mesmo Author, por SILVERIO SIL-

- VESTRE SILVEIRA DA SILVA – *Mestre de Ler, Escrever, Arithmetica, e Grammatica no lugar de Carnexide, &c.* Em Valencia, 1750.
- 1751 – **Governo do Mundo em Seco**, *Palavras Embrulhadas em Papeis, ou Escritorio da Razam. Exposto no progresso de hum Dialogo, em que são interlocutores hum Letrado, o seu Escrevente, e as mais pessoas que se propuzerem. II. TOMO.* Lisboa, 1751.
- 1759 – COMÉDIA em que se representa, pelo discurso de huma Parabola, a verdade da Inscrição seguinte: **Talhada está a Reção para quem a há de comer.** Lisboa, 1759.
- 1759/1760 - **Infermidades da Lingua**, e Arte que a ensina a emmudecer para melhorar. Lisboa, 1759/1760.
- 1764 – COMEDIA NOVA intitulada: **A Fortuna não é como se pinta.** Lisboa, 1764.
- 1764 – COMEDIA intitulada **Só o Amor faz Impossíveis.** Nella se representa o fatal successo da Serenissima Senhora D. IGNEZ DE CASTRO, Rainha de Portugal. Lisboa, 1764.
- 1780 – COMEDIA intitulada **Guardado he o que Deos guarda.** Nela se mostra, que As venturas e as desgraças / Pelo mundo se misturam, / Até que no fim se apuram. Lisboa, 1780.
- 1780 – **Memoria dos trabalhos e prosperidades de Job**, exposta em uma COMEDIA que se intitula: Não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. Lisboa, 1780.
- 1786 – COMEDIA JOCO-SERIA, intitulada **Quem boa cama fizer nela se deitará.** Lisboa, 1786.

Outras referências

- Bertrand, Elisabeth (1980) *La Médecine en question dans le “Governo do Mundo em Seco” de Manuel José de Paiva (1748)*. In *Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português – XV*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brunet, Étienne (1998) *Hyperbase*. Version Windows (Janvier 1998) *Logiciel Hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels*. Institut National de la Langue Française, Université de Nice, Faculté des Lettres.
- Casagrande, Carla & Silvana Vecchio (s.d.) *Les Péchés de la Langue, Discipline et éthique de la parole dans la culture médiévale*, C65.
- Gama, Eurico (1967) *Curiosidades Linguísticas. As Enfermidades da Língua, por Manoel Joseph de Paiva*. Separata da «Revista de Portugal» - Série A: Língua, vol. XXXII, Lisboa, pp. 398-416.
- Verdelho, Telmo (1999) Manuel José de Paiva e as Enfermidades da Língua. In Colóquio sobre “*Século XVIII: Século das Luzes - Século de Pombal*”. Comunicação apresentada no Instituto Ibero-Americano, Berlim, 11 de Junho de 1999.